

A EXPERIÊNCIA TRINITÁRIA DE JÜRGEN MOLTSMANN EM DIÁLOGO COM AS DUAS PRIMEIRAS FASES DA PESQUISA DO JESUS HISTÓRICO DE ALBERT SCHWEITZER E ERNST KÄSEMANN¹

*The Trinitarian experience of Jürgen Moltmann in dialogue
with the first two phases of the research of the Historical Jesus of
Albert Schweitzer and Ernst Käsemann*

Fernando Cardoso Bertoldo²

RESUMO

Segundo Jürgen Moltmann o ser humano em sua experiência de Deus deve também conhecê-lo. Justificado com base na capacidade divina de sofrer, tendo em vista que Deus se faz, carne, fraco e vulnerável para que nós possamos conquistar nossa liberdade, como também aceitarmos nossa mortalidade e humanidade. Isto porque a história do mundo tratasse da entrega de Deus em sua totalidade. Diante disso, buscamos encontrar sustentação para essa perspectiva de experiência nas pesquisas sobre o Jesus Histórico da primeira e da segunda fase tomando por base os autores Albert Schweitzer e Ernst

¹ O artigo foi recebido em 13 de novembro de 2017 e aprovado em 16 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutorado em andamento em Teologia pela EST (2017). Mestre em Teologia pela PUCRS (2017). Bacharel em Psicologia pela PUCRS (2013). Bolsista CAPES. Email: nandobertoldo@hotmail.com.

Käsemann. Então, para que se possa sustentar a capacidade divina de sofrer como também de Deus experimentar a nós, faz-se necessário refletir sobre as contribuições de Schweitzer quando afirma que para podermos conhecer a Deus devemos servir ao próximo, como também a partir das contribuições de Käsemann que desenvolveu suas pesquisas sobre o Cristo da fé, afirmando ser o relato e a experiência de fé a condição necessário para se manter vivo ao longo da História o Cristo da fé, onde buscou reconciliar o ato de servir ao próximo de Schweitzer e a autocompreensão de Rudolf Bultmann.

PALAVRAS-CHAVE: Jürgen Moltmann, Albert Schweitzer, Ernst Käsemann, Experiência Trinitária, Método Histórico Crítico.

ABSTRACT

According to Jürgen Moltmann, the human being in his experience of God must also know him. Justified on the basis of God's ability to suffer, in view of what God is doing, flesh, weak and vulnerable so that we can conquer our freedom, as well as accept our mortality and humanity. This is because the history of the world deals with the surrender of God in its totality. In view of this, we seek to find support for this perspective of experience in the research on the Historical Jesus of the first and second phases, based on the authors Albert Schweitzer and Ernst Käsemann. Then, in order to sustain God's ability to suffer as well as God's ability to experience us, it is necessary to reflect on Schweitzer's contributions when he states that in order to know God we must serve others, as well as from the contributions of Käsemann, who developed his research on the Christ of faith, claiming that the story and experience of faith is the necessary condition to keep alive throughout history the Christ of faith, where he sought to reconcile the act of serving Schweitzer's neighbor and self-understanding by Rudolf Bultmann.

KEYWORDS: Jürgen Moltmann; Albert Schweitzer; Ernst Käsemann; Trinitarian Experience; Critical Historical Method.

INTRODUÇÃO

Jürgen Moltmann produziu uma vasta obra teológica, carregada de aspectos autobiográficos que vão desde sua juventude, quando foi recrutado pelo exército alemão para lutar na Segunda Guerra, até as consequências de sua prisão na Inglaterra. Moltmann descreve o impacto que esses fatos tiveram em sua obra, refletindo também sobre o que ele entende como o esvaziamento de sentido da sociedade contemporânea. Esses aspectos podem ser vistos nas obras “Teologia da Esperança” (1964), “O Deus

crucificado” (1972) e “Trindade e Reino de Deus” (1986), dentre outras obras.

Moltmann é um dos teólogos mais respeitados e influentes do mundo contemporâneo. Seu trabalho teológico é muito expressivo. Ele é uma das figuras mais representativas da teologia protestante contemporânea, depois de grandes líderes anteriores como Barth, Cullmann, Tillich e Bonhoeffer.³ Moltmann é de confissão cristã reformada, nascido em 18 de abril de 1926 na cidade de Hamburgo, Alemanha.⁴ Aos dezessete anos, após ver a sua cidade destruída em julho de 1943, foi convocado para o *front* alemão como soldado recém-incorporado. Depois de seis meses em guerra, foi feito prisioneiro e levado ao campo de concentração de Northon Camp.⁵ Essas experiências foram extremamente dolorosas para Moltmann, causando-lhe muito sofrimento e lhe sugerindo que a condição humana é marcada pela ausência de perspectivas, mas repleta de desesperança. Em seus relatos autobiográficos Moltmann, escreve que

Qualquer pessoa que teve de gritar a Deus face à mutilação e morte de tantas outras que tinham sido companheiras, amigas e parentes, não mais poderá fazer uma abordagem reservada e individual da teologia. O problema é: como se pode falar de Deus “depois de Auschwitz”. Mas, mais ainda: como se pode não falar de Deus depois de Auschwitz.⁶

Tais experiências não levaram Moltmann à amargura e à descrença de sentido na existência humana. Elas o conduziram a repensar o sentido da esperança em uma sociedade que, para ele, simplesmente havia se perdido

³ MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003. p. 28.

⁴ KUZMA, C. A. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da teologia da esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009. p. 446.

⁵ KUZMA, C. A 2009. p. 446.

⁶ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 13.

em meio ao caos. Assim, essas experiências o levaram a desenvolver uma concepção teológica que tenta dar conta das necessidades do mundo contemporâneo, levando em consideração os elementos conflituosos que estão conduzindo a humanidade a uma suposta crise global que, para ele, expande-se em todos os sentidos: ecológico, econômico, social, etc.

Diante desses questionamentos, Moltmann começou a se perguntar o que conduziu a sociedade a essa crise de sentido. Logo, o tema da esperança passou a ocupar uma posição central em sua obra. Ele realizou uma releitura do pensamento do filósofo marxista Ernst Bloch, autor que buscou através da esperança humanizar o marxismo e libertar os homens da alienação. Uma obra de Bloch que causou grande impacto em sua teologia foi “O princípio esperança” (1954-1959). Ela levou Moltmann a se questionar sobre o papel da esperança para a teologia, perguntando-se o que teria restado da esperança do cristianismo primitivo nos dias atuais – questionamento que o autor aborda com maestria na obra “Teologia da esperança”.

1 A CRISTOLOGIA EM MOLTSMANN E O SOFRIMENTO DE DEUS

A evolução da cristologia de Moltmann culmina em uma visão do Deus Trino que sofre – não como uma divindade imóvel e impassível, mas em uma dinâmica de real relação entre o Pai e o Filho, cuja cruz é a base da argumentação teológica cristã.⁷ Essa capacidade divina de sofrer implicaria na quebra do estereótipo teológico onde Deus é apático ao sofrimento humano, contrariando assim a “guinada antropológica” que retrata a ordem cosmológica focando-se somente na humanidade, sem nenhum traço de divindade. De acordo com Moltmann, o homem que atinge a maturidade

⁷ ALBUQUERQUE, B. S.; CORTES, R. J. M. Espírito Santo: caminho da liberdade: elementos de pneumatologia da libertação em Basílio, Gutiérrez, Boff e Codina. *Pós-Escrito*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 3-20, 2012. p. 4.

cristã torna-se a medida de si mesmo e um espelho da própria divindade.⁸ Deus torna-se prova subjetiva, necessária para conferir consistência à subjetividade humana. Dessa forma, a prova cosmológico-objetiva seria substituída por uma existencial-subjetiva.⁹

Ainda segundo Moltmann, o futuro de Deus é a origem criadora de todas as coisas na contingência da sua existência, e é, ao mesmo tempo, o último horizonte para o significado definitivo; é, portanto, a essência de todas as coisas e acontecimentos.¹⁰ Para o autor, “Reino de Deus significa originariamente reino em promessa, fidelidade e cumprimentos. A vida neste reino significa, portanto, peregrinação histórica, movimento e obediente prontidão frente ao futuro”.¹¹

Na obra de Moltmann, a fé é transpassada pela esperança assim como a esperança é transpassada pela fé. Uma vez que os homens abandonam projeções, ídolos e tabus, eles conseguem encontrar o caminho da esperança, que seria a finalidade da teologia e da escatologia. Entra aqui a dimensão histórico-salvífica de Jesus, que ascende para uma compreensão escatológico-soteriológica de sua missão.¹²

Para Moltmann, nossa fé se alimenta da esperança em Deus, que é “aquele que vem” (Ap 4,8): “nós vivemos no tempo do advento de Deus”.¹³ De acordo com a definição cristã, a escatologia aborda Jesus e seu futuro; conhece a realidade da ressurreição de Jesus e anuncia seu futuro.¹⁴ Mais

⁸ ALBUQUERQUE, B. S.; CORTES, R. J. M, 2012. p. 27.

⁹ MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 28.

¹⁰ PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*, v. 3. Santo André, SP: Academia cristã, 2009. p. 698.

¹¹ MOLTSMANN, J, 2005, p. 273.

¹² SCHILLEBEECKX, E. *Jesus*: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2007. p. 144.

¹³ MOLTSMANN, J. *Vida, esperança e justiça*: um testamento teológico para a América Latina. São Bernardo do Campo, SP: Editeo. 2008. p. 13.

¹⁴ MOLTSMANN, J, 2008, p. 31-32.

ainda do que a fé, é a esperança cristã que está direcionada para contemplar e fruir o cumprimento da promessa de Deus. A esperança pergunta à sua própria maneira pelo entendimento do porquê e do quê da sua esperança.¹⁵ A esperança nessa vinda significaria o movimento do amor de Deus ganhando espaço na vida, na morte e na ressurreição de Jesus, para a qual fomos chamados e encontramos a nossa salvação.¹⁶

2 O JESUS HISTÓRICO E A EXPERIÊNCIA TRINITÁRIA EM MOLTSMANN: POSSÍVEIS TESSITURAS

Assim buscamos encontrar sustentação para essa perspectiva de experiência nas pesquisas sobre o Jesus Histórico da primeira e da segunda fase tomando por base os autores Albert Schweitzer e Ernst Käsemann, uma vez que os mesmos viabilizaram uma concepção sobre o Jesus Histórico que busca sustentar essa concepção de experiência trinitária proposta por Jürgen Moltmann como pode ser visto a seguir.

As primeiras pesquisas sobre o Jesus histórico foram consagradas através da obra *A busca do Jesus Histórico* que partem da publicação dos fragmentos de Reimarus, por Lessing, em 1778. Essa pesquisa é publicada em 1906, onde Schweitzer chega à conclusão de que nada se pode saber sobre o Jesus Histórico, mas na verdade a conclusão que ele chega trata-se de que para conhecer Jesus enfoca o fato de servir ao próximo, conclusão a que Schweitzer chega ao fim da obra, como finalidade para conhecer Deus e conseqüentemente tornando possível nossa aproximação com a experiência trinitária de Moltmann.

¹⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004. p. 53.

¹⁶ KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*, v. 1. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 389-390.

No início da obra *Teologia da Esperança*, Moltmann faz importantes afirmações sobre a redescoberta da escatologia como também a inefetividade dessa descoberta tendo em vista que apesar das conclusões de “Schweitzer desprovidas de qualquer referência teológica e filosófica e assim se juntando a todas imagens liberais do séc. XIX”,¹⁷ também abrem espaço para um grande giro da escatologia, onde ocorre a destruição do escatologismo após 2000 anos sem *parusia*, mas também abrindo precedentes para discutir a escatologia de um ponto de vista transcendental, aspecto que vai estar presente ao longo de toda obra de Moltmann, como também, como o próprio Moltmann comenta na *Teologia da Esperança*, toda Teologia após Schweitzer passa a sentir a necessidade de ser escatologia, ou seja, Moltmann relata que a Teologia que não for escatologia não será considerada cristã.

Já Ernst Kasemann teve um importante papel na consolidação da Teologia de Moltmann um vez que as pesquisas sobre o Jesus Histórico de Kasemann mostram que toda tentativa de chegar ao Jesus Histórico acabam por somente chegar ao Kerigma da Igreja primitiva, mas também faz importantes afirmações quando tenta construir uma ponte entre a primeira escola do Jesus histórico e a teoria de Rudolf Bultmann, demonstrando que Cristo sempre foi interpretado pela fé ao longo da História por meio do relato a e da experiência religiosa. Ao longo das obras de Moltmann, o autor faz importantes referências a Kasemann tais como “Da participação na Ressurreição não se fala no tempo perfeito, mas no tempo futuro”.¹⁸

Essa ponte entre a primeira busca e a escola bultmanniana permite dar sustentação para o fato de que Deus também experimenta a nós, podendo ser observado na capacidade divina de sofrer, pois, para que seja possível o sofrimento divino, faz-se necessário que Deus tenha uma natureza também

¹⁷ MOLTMAN, J. 2005, p. 29.

¹⁸ KASEMANN. E. apud MOLTMAN, J. 2005, p. 184.

humana, que pode ser observada no ato de servirmos a nosso semelhante como também experimentarmos Deus, tanto quanto ele nos experimentar por meio de nossa experiência de fé, assim como por meio do relato da experiência religiosa, tendo em vista que “A realidade da nova vida fica de pé ou cai, com o *promisio* de que Deus permanecerá fiel e não abandonará a sua obra”.¹⁹

Portanto, acreditamos que existe a necessidade de um diálogo entre o método histórico crítico e a experiência trinitária, tendo em vista a importância de ser repensada a relação da humanidade com Deus, e assim pressupomos que a humanização do divino implica em repensarmos a relação que existe entre a cristologia e a experiência trinitária, partindo do pressuposto que não é possível dissociar o Jesus Histórico da entrega total de Deus ao mundo, e assim trazermos importantes questões com relação ao nosso papel e também nossa relação com o divino em um mundo em franca crise religiosa.

Para Moltmann, a esperança é uma questão fundamental nos dias de hoje. Ele acredita que no fim de tudo está Deus. A história, interpretada como promessa redentora, pode ser lida como uma manifestação de Deus enquanto futuro por vir. Assim, a finalidade da existência humana é, para Moltmann, a espera na Parúsia,²⁰ pois “no fim estará a nova criação de Deus (Lc 21, 28; Ap 21, 1), prometida e confirmada na história de Jesus Cristo”.²¹ Através da esperança, a Parúsia libertaria a humanidade de todo sofrimento.

A esperança só seria possível, segundo Moltmann, através da maturidade cristã, estado de espírito capaz de desviar o ser humano das

¹⁹ KAESEMANN, E. apud MOLTSMANN, J. 2005, p. 184.

²⁰ Parúsia: segunda vinda de Jesus Cristo.

²¹ MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 130-140.

ilusões e das desesperanças do mundo. Estar em paz com Deus, consequentemente, seria estar em desarmonia com o mundo. “A verdadeira esperança perscruta além dos horizontes apocalípticos de nosso mundo moderno, vendo a nova criação de todas as coisas no reino da glória de Deus”.²²

Se a esperança não trazer essa inquietude e esse anseio pelo reino vindouro, não passará de uma falsa esperança, segundo a definição de Moltmann, e frustrará o ser humano já em seu presente. O indivíduo torna-se, nessa perspectiva, um prisioneiro do passado, sem qualquer projeção de futuro.²³ Moltmann acredita que a verdadeira esperança traz à tona um motivo pelo qual viver em uma contemporaneidade destituída de sentido:

Moltmann nos insere dentro do contexto de sua obra. Como ele mesmo diz, ele não é apenas o único autor, mas como todos os leitores, ele foi influenciado por ela [sua própria obra]. Em algumas vezes, durante os anos que se seguiram pós-obra, ele mudou de posturas em relação à esperança, fato que ocorreu pelo retorno que sua obra lhe trouxe quando entrou em contato com outros horizontes e com outras visões hodiernas da teologia.²⁴

A ressurreição de Cristo seria, assim, uma antecipação da glória futura prometida desde os profetas, glória que já estaria consumada em Cristo, fonte de toda a esperança como uma plenitude escatológica.²⁵ Pois a esperança da cristandade é uma esperança rememorada, escatológica: uma anti-história contra a morte e uma anti-imagem contra o ato violento da crucificação. A memória torna presente e assegura a esperança, e a

²² MOLTSMANN, J. 2004, p. 47.

²³ KUZMA, C. A. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da teologia da esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009. p. 457.

²⁴ KUZMA, C. A, 2009, p. 447.

²⁵ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a revelação*: a revelação de Deus na realização humana. São Paulo: Paulus, 1995, p. 253-255.

esperança mantém o passado presente.²⁶ De acordo com Moltmann, o amor é a práxis do reino vindouro de Deus e de sua justiça neste mundo.

A consequência desse movimento de Deus em direção à humanidade e a toda a criação, compreendido por nós neste trabalho como o futuro de Deus, pode ser visualizada de forma concreta a partir do conteúdo do Reino de Deus. Reino que, segundo E. Schillebeeckx, vem a ser Deus.²⁷ As promissões de Deus, porém, não devem ser concebidas “historicamente apenas porque sucederam na história e necessitam ser interpretadas de maneira sempre nova na história, mas também porque inauguram uma determinada história”.²⁸ Moltmann diria que os cristãos que seguem a missão de Cristo seguem igualmente a Cristo no serviço do mundo.²⁹ Sua mensagem sobre o Reino de Deus, de acordo com o testemunho da tradição sinótica, estava presente no centro de sua vida.³⁰

3 DEUS, CRISTO E HOMEM, DIALOGANDO COM O JESUS HISTÓRICO

Nossa crítica parte do pressuposto de que Cristo é Deus e homem, demonstrado sua humanidade e, portanto, justamente por sua manifestação em nossas vidas, percebemos que Deus se manifesta em nosso sofrimento, não sendo uma figura apática e insensível ao sofrimento. Segundo Enio Mueller,

Na pessoa de Jesus Cristo temos um duplo aspecto, como a teologia cristã tem reconhecido desde sempre e o belo hino de

²⁶ MOLTSMANN, Jürgen. 2004, p. 57.

²⁷ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. 2007, p. 150.

²⁸ MOLTSMANN, J. 2004, p. 90.

²⁹ MOLTSMANN, J. 2005, p. 407.

³⁰ WACKER, M-T. O Reino de Deus. In: EICHER, P (dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 765-767. p. 767.

Fp 2. 5-11 expressa de forma inigualável. Sendo Deus, Jesus esvaziou-se assumindo forma humana e assumindo em si mesmo a condição humana de pecado, até as últimas consequências, a morte na cruz. Temos assim, em Jesus Cristo, o próprio Deus assumindo sobre Si o drama humano: sofrendo os efeitos do pecado até a morte, e ressuscitando ou sendo ressuscitado depois para a vida eterna.³¹

Jesus é entendido, simultaneamente, como o Deus que se esvazia de poder, que assume o caminho da cruz no mais profundo desamparo, e também como o homem que retrata a autêntica humanidade, em um desamparo amparado, portanto concordamos com Moltmann ao assumir que a ressurreição não esvazia a cruz,³² mas a preenche de significado.³³ A partir dessa perspectiva, percebemos que a relação com o pai não é mais marcada pela onipotência, mas pela entrega e solidariedade no abandono, ou seja, a relação não é mais marcada pela disputa da onipotência, não é mais medida e orientada pelo narcisismo e pela privação enquanto renúncia de instintos exigida pelo Deus da ilusão com vista a uma retribuição enquanto justiça final, mas pela analogia.

Diante disso procuramos encontrar sustentação nas pesquisas da primeira e segunda fase da pesquisa do Jesus histórico, mais especificamente nos autores Albert Schweitzer e Ernst Käsemann. Como citamos inicialmente com relação as questões referentes a inefetividade da descoberta da escatologia como também seu impacto na obra de Moltmann, podemos ver que a interpretação de Reimarus por Schweitzer chega à conclusão de que “se quisermos chegar a uma compreensão histórica dos

³¹ MUELLER, E. R. “Espelho, espelho meu...”: reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 37, n. 1, p. 5-27, 1997. p. 8.

³² Cf. TAMEZ, E. TAMEZ, E. *Contra toda condenação*: a justificação pela fê, partindo dos excluídos. São Paulo: Paulus, 1995.

³³ Cf. MOLTMAN, J. *O Deus crucificado*: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André (SP): Academia Cristã, 2011.

ensinamentos de Jesus, devemos deixar para trás o que aprendemos no catecismo acerca da metafísica Filiação Divina, a Trindade, e conceitos dogmáticos semelhantes, e mergulhar num mundo mental totalmente judaico”.³⁴ Assim ao longo da importante pesquisa de Schweitzer ele em suas últimas frases conclui que:

Ele se nos chega como Um desconhecido, sem um nome, como antes, ao lado do lago, quando Ele chegou junto àqueles homens que não O conheciam. Ele nos fala a mesma palavra: “Siga-me!” e nos estabelece as tarefas que Ele tem de cumprir para o nosso tempo. Ele ordena. E para aqueles que O obedecem, quer sejamos sábios ou simples, ele revelará a si mesmo nas obras, nos conflitos, nos sofrimentos que eles passarão em sua companhia, e, como um ministério inefável, eles aprenderão em suas próprias experiências Quem Ele é.³⁵

Corroboramos com Kasemann uma vez que segundo ele o Jesus histórico puro nunca existiu, mas sempre foi interpretado pela fé. Käsemann acredita que o relato era condição para manter firme a experiência de fé dos primeiros discípulos. Em suas palavras,

a história não se faz historicamente importante pela tradição como tal, senão pela interpretação; a mera constatação de uns atos não basta, senão que se necessita a compreensão dos acontecimentos do passado, que se fizeram objetivos e se permaneceram fixados nos atos. A variação do *kerigma* neotestamentário prova que a cristandade primitiva manteve a confissão de sua fé através das mudanças de épocas e situações, ainda quando aquelas transformações a obrigaram a uma modificação da tradição que havia recebido. Ter somente consciência da história (Historie) que vamos arrastando detrás de nós não dá a esta, enquanto tal, nenhuma significação histórica, mesmo que seja completa de maravilhas e milagres [...] A história (*Geschichte*) não possui uma significação histórica

³⁴ SCHWEITZER, Albert. *A Busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 29.

³⁵ SCHWEITZER, Albert. 2003. p. 477.

mais do que na medida das questões e suas respostas, fala em nosso tempo presente, encontrando, portanto, uns intérpretes que entendam essas questões e essas respostas para nosso tempo e as apresentem.³⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que para se possa sustentar a capacidade divina de sofrer como também de Deus experimentar a nós, faz-se necessário refletir sobre as contribuições de Schweitzer quando afirma que para podermos conhecer a Deus devemos servir ao próximo, como também a partir das contribuições de Käsemann que desenvolveu suas pesquisas sobre o Cristo da fé, afirmando ser o relato e a experiência de fé a condição necessária para se manter vivo ao longo da História o Cristo da fé, tornando assim possível a aproximação do método histórico crítico com a perspectiva da experiência trinitária em Moltmann, onde Deus se faz carne, se faz fraco, vulnerável e impotente para que nós possamos assumir nossa humanidade, liberdade e mortalidade, e assim nos colocamos em espera, prontidão e ato diante do futuro por vir.

³⁶ KÄSEMANN, Ernst. *Ensayos exegéticos*. Salamanca: Sigueme, 1978, p.164-165.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, B. S.; CORTES, R. J. M. Espírito Santo: caminho da liberdade: elementos de pneumatologia da libertação em Basílio, Gutiérrez, Boff e Codina. *Pós-Escrito*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 3-20, 2012.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição Rev. e Ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- KÄSEMANN, Ernst. *Ensayos Exegéticos*. Salamanca: Sígueme, 1978.
- KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*, v. 1. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 389-390.
- KUZMA, C. A. A esperança cristã na “teologia da esperança”: 45 anos da teologia da esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 443-467, jul./dez. 2009.
- MOLTMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.
- _____. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André (SP): Academia Cristã, 2011.
- _____. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Vida, esperança e justiça: um testemunho teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2008.
- MUELLER, E. R. “Espelho, espelho meu...”: reflexões sobre os fundamentos de uma espiritualidade evangélica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 37, n. 1, p. 5-27, 1997.
- PANNENBERG, W. *Teologia sistemática*, v. 3. Santo André, SP: Academia cristã, 2009.
- TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a revelação: a revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SCHWEITZER, Albert. *A Busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Novo Século, 2003.
- TAMEZ, E. *Contra toda condenação: a justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- WACKER, M-T. O Reino de Deus. In: EICHER, P (dir.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 765-767.